



aceitará ou não esses recursos no futuro. O que consigo dizer é que, se era uma modinha, é uma modinha que ainda está pegando”, ponderou.

ACESSIBILIDADE

No Twitter, Giselle, moça com deficiência visual escreveu: “quer compreender e ajudar o mundo dos deficientes visuais? Acabe com o ‘todes’, ‘tod@s’ e ‘todxs’ porque isso acaba com a leitura do software. Já não é fácil usar apps de conversão de texto, e quem é muito legal, ‘inclusivo’, está ferrando com o mundo do deficiente”. O post pôs luz sobre outro aspecto da mudança na linguagem: a acessibilidade.

Programas como NVDA e Virtual Vision, que fazem a tradução para áudio daquilo que está escrito no celular ou no computador, não lêem corretamente as palavras ao tentarem decifrar o “x” e o “@”. O WCAG (Web Content Accessibility Guidelines), bíblia da acessibilidade, não recomenda usar formas de escrita alternativa porque pode gerar confusão e mal entendimento para o usuário.

“Essa é uma regra do nível AAA, ou seja o nível mais alto de acessibilidade. E é justo porque ‘palavras incomuns’ não geram dúvidas apenas para pessoas com deficiência visual, mas também para



pessoas com deficiência cognitiva ou intelectual e até mesmo idosos e pessoas que não têm o idioma como sua língua nativa como eu”, afirmou Cristina Stoll, analista de testes de acessibilidade, que é natural dos Estados Unidos.

Para quem está ouvindo um texto pelo aparelho leitor, “tod@s” parece erro de digitação. A frase “Olá a todos” é reproduzido como “Olá a tod-arroba-esse”. Já o “todxs” é pronunciado como um “s” no sotaque que lembra o carioca, ficando “Olá a todix”, ou mesmo com o x na pronúncia norte-americana, ficando algo como “Olá a todisc”, dependendo do sintetizador de voz utilizado.

“O mundo, claro, tem problemas de acessibilidade bem maiores do que o uso de ‘todxs’ e ‘tod@s’ para atacar. Por isso, acho que temos que ser práticos: as pessoas podem utilizar nos textos, mas, quando forem usar, expliquem antes o que significa essa troca para que realmente seja algo inclusivo e para garantir que todos entendam o que está sendo dito. E, no geral, recomendo evitar o uso frequente (do x ou @) em textos muito compridos, como artigos e livros, porque o usuário pode começar a cansar de ouvir ou mesmo ler dessa forma e desistir daquele material”, sugere Cristina.



FRASE

“Já não é fácil usar apps de conversão de texto, e quem é muito legal, ‘inclusivo’, está ferrando com o mundo do deficiente”

Giselle

Jornalista deficiente visual

Língua portuguesa

O uso da generalização do masculino na língua portuguesa foi determinada pelo linguista Joaquim Mattoso Câmara Jr., nos anos 1960. Na ocasião, ele descreveu e definiu os padrões da norma culta de acordo com o uso orgânico da língua. Ou seja, ele não inventou a regra. Segundo ele, a letra “a” marca o substantivo e adjetivo feminino, enquanto a ausência do “a” marca o masculino. A forma masculina ficou definida como a forma “natural” da palavra e, em generalizações, ela é usada com “s” no final.

Saiba mais:

<https://bit.ly/2KFPNIu>



Fotos: Divulgação